

Estudo mostra aumento de desastres climáticos no País

Quanto mais quente, pior: é a relação de mar e clima

Oceano aquecido eleva risco de desastres

ARMINDA AUGUSTO
DA REDAÇÃO

Para cada aumento de 0,1 grau Celsius (°C) na temperatura média global do ar, houve alta de 360 registros de desastres climáticos no Brasil nos últimos quatro anos (2020-2023). No oceano, que desempenha um papel relevante na regulação climática do planeta, o impacto foi ainda maior: para cada aumento de 0,1°C na temperatura média global da superfície oceânica, houve elevação de 584 registros de eventos extremos no País no período.

Os dados integram o mais novo relatório lançado pela Aliança Brasileira pela Cultura Oceânica — coordenada pelo Programa Maré de Ciência da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) e pela Unesco —, em parceria com a Fundação Grupo Boticário. O estudo revela que ocorreram 250% mais desastres climáticos no Brasil entre 2020 e 2023 em comparação com registros da década de 1990.

A base do estudo foi extraída do Sistema Integrado de Informações sobre Desastres (S2ID) do Ministério da Integração e Desenvolvimento Regional, de 1991 a 2023.

O estudo também analisou dados de temperatura média do ar e da superfí-

cie oceânica dos últimos 32 anos, a partir de informações da agência europeia Copernicus, obtidas por meio da plataforma Climate Reanalyzer.

Segundo os pesquisadores, quando os dados deste ano forem consolidados, se confirmará a escalada de desastres climáticos nos anos mais recentes.

"A Ciência já comprovou que o aumento da temperatura, seja do ar ou do oceano, leva a um desequilíbrio climático. Logo, se esse aumento da temperatura vem ocorrendo ao longo dos anos e os desastres climáticos também, podemos estabelecer essa relação de forma bastante clara", diz o professor e pesquisador Ronaldo Christoletti, do Instituto do Mar da Unifesp-Baixa da Santista e um dos coordenadores do estudo.

EM ALTA

O levantamento aponta que foram registrados 6.523 desastres climáticos em municípios brasileiros na década de 1990, enquanto, de 2020 a 2023, ocorreram 16.306.

O levantamento também mostra que 5.117 municípios brasileiros reportaram danos causados por desastres climáticos entre 1991 e 2023, ou 92% das cidades do País. Principais ocorrências: secas (50%), inundações, enxurradas e enchentes (27%) e tempestades (19%).



Cada 0,1°C a mais na temperatura da água significa 584 eventos extremos adicionais no País, diz estudo



Ronaldo: "Relação bastante clara"



Janaina: "Há tempo para agir"

POR GRUPOS

No Brasil, os desastres naturais e tecnológicos (provocados) são divididos em grupos e subgrupos, a partir da Classificação e da Codificação Brasileira de Desastres (Cobrade). Para os naturais, são considerados cinco grupos: geológicos, hidrológicos, meteorológicos, climatológicos e biológicos. Os tecnológicos são separados em ocorrências relacionadas a substâncias radioativas, produtos perigosos, incêndios urbanos, obras civis e transporte de passageiros e de cargas não perigosas. O estudo, divulgado na sexta-feira, considera os desastres do primeiro grupo (naturais).

DOIS CENÁRIOS

Com base nas projeções do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC, na sigla em inglês) e considerando a atual taxa de registros de desastres, os números podem aumentar nas pró-

ximas décadas. O estudo aponta dois cenários climáticos até o final do século: um otimista, no qual as metas do Acordo de Paris para limitar o aumento da temperatura a 1,5°C sejam cumpridas, e um pessimista, no qual o

aquecimento do planeta ultrapassa 4°C.

No cenário otimista, o Brasil poderá registrar até 128.604 desastres climáticos entre 2024 e 2050. No pessimista, quase 600 mil, nove vezes o registrado entre 1991 e 2023.

SOLUÇÕES

"Apesar das projeções negativas, ainda há tempo para agir. Além de reduzir as emissões de gases de efeito estufa, é essencial buscar a resiliência das comunidades e a adaptação às novas condições climáticas. Nesse sentido, as soluções baseadas na natureza são ferramentas eficazes para fortalecer a resiliência de cidades costeiras, enfrentando desafios ambientais, sociais e econômicos de forma integrada", destaca Janaina Bumber, pesquisadora do estudo e gerente de projetos da Fundação Grupo Boticário.

Recuperar manguezais e dunas, por exemplo, promove adaptação aos ambientes urbano e costeiro, aumentando a resiliência contra eventos climáticos extremos".

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal A Tribuna - Santos/SP

Seção: Cidades Pagina: 8